



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA**

SILVAN MOREIRA SOARES

**MEMÓRIAS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA MÚSICA
TRADICIONAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA TINGUIZAL DE
MONTE ALEGRE DE GOIÁS**

**ARRAIAS/TO
2021**

SILVAN MOREIRA SOARES

**MEMÓRIAS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA MÚSICA
TRADICIONAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA TINGUIZAL DE
MONTE ALEGRE DE GOIÁS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof. Dr. George Leonardo Seabra
Coelho

**ARRAIAS/TO
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S676m Soares, Silvan Moreira.

MEMÓRIAS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA MÚSICA
TRADICIONAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA
TINGUIZAL DE MONTE ALEGRE DE GOLÁS. / Silvan Moreira Soares. –
Arraias, TO, 2021.

71 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2021.

Orientador: George Leonardo Seabra Coelho

1. Introdução. 2. Memória, Identidade e Representações Culturais. 3.
Comunidades Quilombolas. 4. Oralidade e Musicalidade. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SILVAN MOREIRA SOARES

**MEMÓRIAS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA MÚSICA
TRADICIONAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA TINGUIZAL DE
MONTE ALEGRE DE GOIÁS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Defendida e aprovada em: _____ de _____ de _____.

Banca examinadora formada pelos professores:

Professor Dr. George Leonardo Seabra Coelho – Presidente (Orientador)
Universidade Federal do Tocantins

Professora Dr^a. Ana Roseli Paes dos Santos– Membro Efetivo
Universidade Federal do Tocantins

Professor Dr. Wilson Rogério Santos– Membro Efetivo
Universidade Federal do Tocantins

Dedico esse trabalho a toda minha família, à minha comunidade Tinguizal, à meus amigos, e especialmente à minha esposa Nilza dos Santos da Silva, e minhas filhas Giselly Moreira dos Santos e Geisa Moreira dos Santos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me dado forças para chegar até aqui, sempre me concedendo saúde para que eu pudesse ir sempre em busca de novos conhecimentos;

Agradeço também ao curso de Licenciatura em Educação do Campo UFT/Arraias, pela oportunidade à mim concedida de poder fazer parte dos acadêmicos desse curso tão importante;

Agradeço à minha esposa e as minhas pequenas (filhas), que nunca mediram esforços em me apoiar na minha busca em alcançar meus objetivos, e principalmente aos meus pais Sra. Idalina Edeltrudes Moreira, Sr. Teotônio Pereira Soares e Sra. Joaquina Edeltrudes Moreira minha (mãe/avó), por terem me concedido o dom da vida me ensinando sempre a seguir por bons caminhos, sem eles eu não seria o homem que me torno a cada dia.

Aos meus queridos professores do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Artes Visuais e Música que sempre estiveram na luta pela valorização e visibilidade do curso, a todos que fazem ou fizeram parte da coordenação do mesmo, aos administrativos em geral, que não medem esforços para garantir a nossa permanência e bem estar enquanto acadêmicos dentro da universidade;

Agradeço à direção do Câmpus, pelo espaço concedido para que eu e meus colegas pudéssemos prosseguir com nossa caminhada;

Agradeço em especial aos professores Me. Silvia Adriane Tavares e Dr. George Leonardo Seabra Coelho (orientador), pela paciência, apoio, carinho, dedicação e conhecimentos comigo compartilhados durante toda essa minha caminhada;

A todos que de certa forma contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão desse sonho, e início de outros;

A todos, ficam aqui os meus mais sinceros agradecimentos e imenso carinho, muito obrigado!

“A cultura histórica tem o objetivo de manter viva a consciência que a sociedade humana tem o próprio passado, ou melhor, do seu presente, de si mesma.”

(Benedetto Croce)

RESUMO

O presente trabalho busca conceituar a memória, a prática e as representações culturais do povo Kalunga, mais precisamente na comunidade Kalunga – Tinguizal, descrevendo e argumentando a comunidade em estudo, a fim de compreender e explicitar a oralidade e musicalidade, a partir da sua cultura local através da Folia de Nossa Senhora do Rosário, onde se torna aparente a percepção da inter-relação desses conceitos na criação de identidade e salvaguarda do patrimônio imaterial da comunidade. A pesquisa foi desenvolvida sob o viés da abordagem qualitativa. Para esse fim, adotou-se como base inicial a Revisão de Literatura de teóricos como: Halbwachs (1968), Goff (1990), Stuart Hall, (2006) e Chartier (1995). Para iniciar a análise da concepção teórica de memória individual e memória coletiva, partimos do princípio de que é através da memória – seja ela coletiva ou individual – que conseguiremos ter acesso aos conhecimentos, sejam eles, saberes, valores, legados de um passado de indivíduo vivente em um mundo sem escrita. A memória individual é adquirida no convívio de diferentes grupos, pois é um ato construtivo. É através disso que a memória individual tem grande essência para explicação de diversidade de lembranças de um sujeito, que será socializado no meio coletivo. Ao perceber que a memória coletiva abrange suas raízes, é possível indagar um dos membros dessa coletividade e assim possibilita a capacidade de relatar lembranças vivenciadas com seu grupo neste local. Por mais que não consegue trazer todos os detalhes, mas terá em memória registro de diversas práticas vivenciadas. O paradigma de comunidade local tem nas representações culturais uma das grandes ferramentas para inter-relacionar com as práticas culturais. Traçada pela resistência de seus saberes, valorizando o sentido e significado da identidade cultural. As comunidades remanescentes quilombolas se desenvolveram ao longo da formação de toda história brasileira, com características próprias de ocupação da terra, organização social, religiosa e identitária. A comunidade Tinguizal possui uma grande variedade de tradições, desde o início o povo Kalunga em geral faz o uso da oralidade para contar suas histórias, repassando e garantindo a continuação conhecimento empírico historicamente construído na comunidade. Fazendo assim a transmissão oral de sua identidade cultural para filhos, netos, sobrinhos, etc. É o caso da Folia de Nossa Senhora do Rosário, que ainda não possui nenhum registro escrito sendo passada para os mais jovens através da oralidade, os mais velhos mantêm viva em sua memória as letras dos cantos que são entoados durante o giro da folia e também a forma de tocar os instrumentos, são conhecimentos empíricos passados de geração em geração. Sendo assim, conclui-se que se torna essencialmente relevante para percebermos que a oralidade é uma ferramenta fundamental na perpetuação da cultura de muitos povos, em especial tradição do povo Kalunga, pois, há muitos séculos os registros da trajetória histórica desse povo foram feitos apenas por meio da oralidade, tendo o registro escrito há pouco tempo. Através de suas narrativas de memória individual e coletiva o povo Kalunga repassa e mantém vivo suas práticas e representações culturais.

Palavras-chave: Memória Individual. Memória Coletiva. Identidade Cultural. Folia. Oralidade.

ABSTRACT

The present work seeks to conceptualize the memory, practice and cultural representations of the Kalunga people, more precisely in the Kalunga – Tinguizal community, describing and arguing the community under study, in order to understand and explain the orality and musicality, from their local culture through the Folia of Our Lady of the Rosary, where it becomes apparent the perception of the interrelation of these concepts in the creation of identity and safeguarding of the intangible heritage of the community. The research was developed under the qualitative approach. To this end, the initial basis was adopted the Literature Review of theorists such as: Halbwachs (1968), Goff (1990), Stuart Hall, (2006) and Chartier (1995). To begin the analysis of the theoretical conception of individual memory and collective memory, we assume that it is through memory – whether collective or individual – that we will be able to have access to knowledge, be they, knowledge, values, legacies of a past of living individual in a world without writing. Individual memory is acquired in the conviviality of different groups, because it is a constructive act, through which the individual memory has great essence for explaining the diversity of memories of a subject, which will be socialized in the collective environment. By realizing that collective memory encompasses its roots, it is possible to ask one of the members of this collectivity and thus enable the ability to report memories experienced with their group in this place. The local community paradigm has in cultural representations one of the great tools to interrelate with cultural practices. Traced by the resistance of their knowledge, valuing the meaning and meaning of cultural identity. The remaining quilombola communities developed throughout the formation of all Brazilian history, with characteristics of land occupation, social, religious and identity organization. The Tinguizal community has a wide variety of traditions, from the beginning the Kalunga people in general make use of orality to tell their stories, passing on and ensuring the continuation of empirical knowledge historically built in the community. Doing so the oral transmission of their cultural identity to children, grandchildren, nephews, etc. It is the case of the Folia de Nossa Senhora do Rosário, which still has no written record being passed on to the younger ones through orality, the elders keep alive in their memory the letters of the songs that are intoned during the turning of the revelry and also the way of playing the instruments, are empirical knowledge passed from generation to generation. Thus, it is concluded that it becomes essentially relevant to realize that orality is a fundamental tool in the perpetuation of the culture of many peoples, especially the tradition of the Kalunga people, because many centuries ago the records of the historical trajectory of this people were made only through orality, having written the record recently. Through their narratives of individual and collective memory the Kalunga people pass on and keep alive their cultural practices and representations.

Keywords: Individual Memory. Collective Memory. Cultural Identity. Folia. Orality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa das Comunidades Remanescentes Quilombolas Segundo o Instituto Palmares.....	27
Figura 2 - Terras Quilombolas Tituladas e em Processo de Titulação no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).....	28
Figura 3 - Mapa de Localização do SHK – Sítio Histórico Kalunga.....	30
Figura 4 - Mapa do Quilombo Kalunga do Município de Monte Alegre de Goiás, localização da comunidade Quilombola-Kalunga Tinguizal, local da pesquisa de campo.....	32

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACS - Agente Comunitário de Saúde

CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

EJA – Educação de Jovens e Adultos

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

FUNASA - Fundação Nacional de Saúde

SHK - Sítio Histórico Kalunga

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	MEMÓRIA IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS.....	13
2.1	Memória Individual e Memória Coletiva.....	13
2.2	Identidade Cultural.....	18
2.3	Práticas e Representações Culturais.....	21
3	COMUNIDADES QUILOMBOLAS.....	25
3.1	Comunidades Quilombolas no Brasil.....	25
3.2	Comunidades Quilombolas em Goiás.....	29
3.3	Comunidade Tinguizal no Município de Monte Alegre de Goiás.....	31
4	ORALIDADE E MUSICALIDADE.....	36
4.1	Relatos de Memória sobre a Folia De Nossa Senhora do Rosário.....	36
4.2	Os Cantos.....	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
	REFERÊNCIAS.....	70

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa a seguir refere-se ao trabalho de conclusão de curso da Universidade Federal do Tocantins, campus universitário de Arraias - TO, sendo um dos pré-requisitos para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo com habilitação em Artes Visuais e Música. Tendo como objeto de pesquisa as manifestações presentes nas memórias, práticas e representações da música tradicional da comunidade quilombola Tinguizal localizada no Sítio Histórico Kalunga no município de Monte Alegre de Goiás.

A pesquisa traz como foco específico, a manifestação religiosa da Folia de Nossa Senhora do Rosário, uma santa, considerada milagrosa pelos moradores da localidade. A comunidade escolhida como campo de estudo, utiliza de seus rituais musicais para agregar valores, fé, aliadas a diversão.

A escolha do tema da pesquisa partiu da inquietação em relação à compreensão do contexto histórico e o papel da música tradicional na comunidade Quilombola Kalunga Tinguizal de Monte Alegre de Goiás. Através do âmbito cultural, destacamos a possibilidade de que a comunidade local reconhece esse patrimônio imaterial como algo que precisa ser preservado. Desse modo, buscam garantir a resistência, "salvaguarda" de seus valores culturais.

A partir da investigação que aqui analisamos, foi feita a descrição do contexto histórico e o papel da música tradicional para a comunidade, tendo como campo de pesquisa a comunidade em questão. Para isso, foi de suma importância destacar a Memória, Prática e Representação Cultural presentes na comunidade local, levando em consideração o reconhecimento da essência, dos valores culturais, significados e símbolos, buscando assim possibilidade de "salvaguarda". Sendo assim, o estudo investiga e descreve todo o contexto histórico e o papel da música tradicional na comunidade em estudo, trazendo vivências e elementos que estão presentes nessa manifestação cultural e que contribuem para o fortalecimento dos saberes e práticas regionais, que são transmitidas de geração em geração e que fazem relação com a identidade dos povos.

A pesquisa encontra-se estruturada em três capítulos, que juntamente buscam descrever as vivências e trajetórias da comunidade pesquisada e suas influências na música tradicional local.

O Capítulo I, Memória Individual e Memória Coletiva discorrem sobre essas categorias, procurando compreender seus conceitos e significados articulados a temática em questão, tendo

como base teórica textos e artigos de autores como: Halbwachs (1968), Goff (1990), Stuart Hall, (2006) e Chartier (1995).

O capítulo II, além de propor uma contextualização da pesquisa, busca descrever e argumentar as comunidades quilombolas.

Por sua vez, o capítulo III, busca compreender e explicitar a oralidade e musicalidade, fazendo sua descrição através dos relatos de memória de pessoas da comunidade sobre a Folia de Nossa Senhora do Rosário e as manifestações musicais tradicionais, enfatizando seus sujeitos e o significado da música Tradicional da comunidade e suas contribuições para a continuidade da sua tradição para as próximas gerações.

2 MEMÓRIA IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

Essa pesquisa busca compreender o contexto histórico e o papel da música Tradicional da Comunidade Quilombola Tinguizal localizada no Sítio Histórico Kalunga no município de Monte Alegre de Goiás através de suas memórias, práticas e representações culturais. Neste primeiro capítulo, apontaremos o conceito da Memória individual, Memória coletiva, Identidade, Cultura, Práticas e Representações, com base nos estudos de alguns teóricos importantes que tratam da temática em questão, como: Halbwachs (1968), Le Goff (1990), Stuart Hall, (2006) e Chartier (1995).

É bastante considerável adquirirmos conhecimento em relação a uma temática tão relevante como esta que propomos aqui, pois a mesma está inserida no mundo, porém, muitos desconhecem por falta de registros escritos. Deste modo, para melhor compreendermos esse estudo é fundamental em um primeiro momento utilizarmos como viés principal o conhecimento teórico. Onde, será possibilitado pelas concepções da memória individual e a memória coletiva. Dentre isso é permitido com maior segurança no universo dos saberes e manifestações de uma comunidade e região secular.

2.1 Memória individual e Memória coletiva

Esse capítulo destaca em sua centralidade a memória individual e a memória coletiva. Para iniciar a análise da concepção teórica de memória individual e memória coletiva, partimos do princípio de que é através da memória – seja ela coletiva ou individual – que conseguiremos ter acesso aos conhecimentos, sejam eles, saberes, valores, legados de um passado de indivíduo vivente em um mundo sem escrita.

Nessa perspectiva, Halbwachs (1968, p. 34), afirma que:

A sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto.

Para o autor, a memória individual é adquirida no convívio de diferentes grupos, pois é um ato construtivo. É através disso que a memória individual tem grande essência para

explicação de diversidade de lembranças de um sujeito, que será socializado no meio coletivo. Embora, é considerada a base de toda lembranças, consideramos que:

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada (HALBWACHS, 1968, p.48).

As lembranças sobre o saber do membro de uma comunidade, com relação aos rituais que ali manifestam, são atrativos adquiridos dos antepassados, que obteve contato com diferentes experiências em novos grupos.

A partir dessa perspectiva Halbwachs (1968, p.33), diz que:

Veremos que os atrativos ou os elementos lembranças pessoais, que parecem não pertencer a ninguém senão a nós, podem bem se encontrar em meios sociais definidos e ali se conservar; e que os membros desses grupos (de que não cessamos de fazer parte) saberiam ali descobri-los e nos mostrá-los, se os interrogássemos como seria necessário.

Ainda de acordo com Halbwachs (1968), a memória coletiva surge então a partir de grupos, onde carregam consigo experiências e vivências compartilhadas entre si, deste modo fazem parte de uma mesma história, por ser membro de um mesmo grupo. A partir do momento que as pessoas que compõe esse grupo se separam, em sua memória ficará fixada práticas que traz parte da sua identidade e da sua raiz.

Ao perceber que a memória coletiva abrange suas raízes, é possível indagar um dos membros dessa coletividade e assim possibilita a capacidade de relatar lembranças vivenciadas com seu grupo neste local. Por mais que não consegue trazer todos os detalhes, mas terá em memória registro de diversas práticas vivenciadas.

Como aponta Halbwachs (1968, p.24):

Talvez, que um grande número de lembranças reaparecem porque nos são recordadas por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não estão materialmente presentes, se possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que consideramos ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo.

Em conformidade com Halbwachs (1968), podemos dizer que quando compartilhamos vivências e experiências estamos optando em falar em relação a um assunto envolvendo outras

pessoas que fizeram parte daquele momento vivido e que constituem uma história construída coletivamente, que passa a fazer parte das lembranças de sujeitos envolvidos em determinado grupo. Mas, muitas vezes para que possamos recordar de todos acontecidos é necessário depoimentos de inúmeras pessoas que fizeram parte daquele grupo, naquele determinado momento. Assim, cada um vem socializando e apoiando nas diversas circunstâncias de cada indivíduo integrante daquele grupo.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. E porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1968, p.16).

Portanto, a memória em coletividade surge a partir de um grupo de pessoas, onde constroem práticas e vivências construindo para si uma identidade, onde é identificada por aqueles membros por fazer parte da mesma raiz.

Seguindo essa linha de raciocínio, na mesma direção e concordando com as ideias de Halbwachs (1968) trazemos a concepção de Le Goff (1990), pois é fundamental para contribuir com pensamento do autor citado anteriormente.

Le Goff (1990) afirma que o conceito de memória é crucial, ou seja, representa algo muito importante, principalmente para busca de informação dos povos sem escrita. Para o autor, a memória no campo científico global, é como propriedade de conservar certas informações. Onde o homem pode atualizar impressões ou informações passadas.

Ainda segundo o autor a memória é dada como narrativas históricas que presidem a organização de arquivos, coleções e museus. A memória nos traz aquilo que é passado, ou seja, aquilo que não está mais presente entre nós. Ainda assim, elas não proporcionam a revelação de uma verdade absoluta; elas nos levam ao processo de constituição das coleções ocorrido a partir de interesses conflitantes. Deste modo, podemos concordar que "o mesmo acontece com a memória. Tal como o passado não é a história, mas é o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica." (LE GOFF 1990, p.40).

O conceito de memória em estudo é considerado amplo. O autor distingue três tipos de memória: a memória específica, memória étnica e a memória artificial. Desta maneira, podemos concordar que memória é algo extenso que vai bem além. (LE GOFF, 1990). Ele vem trazendo a memória específica como uma função de definir a fixação dos comportamentos de espécies

animais e a memória “étnica” que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas.

O autor aplica o termo memória étnica, a todas as sociedades humanas, que prefere reservar a designação de memória coletiva para os povos sem escrita. No sentido da memória artificial, podemos afirmar que ficam presos à reprodução de atos mecânicos e dispositivos. Onde a mesma traz duas características de imagens sejam verdadeiras e fingidas (falsas). Para isso, o autor traz a seguinte contribuição,

Na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana. O primeiro domínio onde se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento – aparentemente histórico – à existência das etnias ou das famílias, isto é, dos mitos de origem (LE GOFF, 1977, p. 35).

Em diálogo com os autores citados anteriormente, Araújo (2007), afirma que a memória é constituída por indivíduos em interação com grupos sociais, sendo as lembranças individuais resultado desse processo. Ainda que o indivíduo pense que sua memória é estritamente pessoal, uma vez que ela pode resgatar acontecimentos no qual só ele esteve envolvido ou fatos e objetos que só ele presenciou e viu, ela é coletiva.

Pois, o indivíduo ainda que esteja só é o resultado das interações sociais, embora o sujeito nunca esteja só. Segundo a concepção da autora, a memória coletiva está ligada a um movimento contínuo e a lembranças transmitidas entre gerações.

Seguindo na mesma linha de raciocínio, Ferreira e Amado (2006, p. 95), defende que a memória individual parte de uma experiência vivenciada em si só e a memória coletiva parte de uma vivência em grupo (s). Com isso, o autor afirma que:

A representação do passado observado em determinado época e determinado lugar, contando que apresente um caráter recorrente e repetitivo, que digam respeito à grupo significativo e que tenha aceitação nesse grupo ou fora dele, constituem a manifestação mais clara de uma memória coletiva. (FERREIRA; AMADO 2006, p. 95).

Para reforçar as afirmações acima, Lima e Almeida (2011), ressalta que memória pode ser produzida através de elementos individuais, aonde vem representando possibilidade de aprendizagem, socializar e expressar experiência vivida em si só. E elementos coletivos, que por sua vez tem a mesma expectativa citada, mas, com vivência de algo acontecido em um grupo no passado.

A memória individual e memória coletiva permitem o indivíduo atualizar informações do passado. Para Lima e Almeida (2011, p.03), a memória étnica, possibilita a indagação, comunicação e divulgação de saberes vivenciados pelo povo sem escrita. E também, Possibilita para próximas gerações terem contato e recursos para continuar nas práticas vivenciadas no passado, reforçando a própria identidade.

Memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos, fazendo parte de perspectivas de futuro, de utopias, de consciência do passado e de sentimentos. Pelo senso comum, a memória está intimamente ligada as tradições familiares, grupos com suas idiossincrasias peculiares. Nesse nível, ela representa possibilidade de aprendizagem e de socialização, expressando assim, continuidade e identidade daquelas tradições (LIMA; ALMEIDA, 2011, p.03).

A memória seja ela individual ou coletiva é a ferramenta fundamental para depositarem, guardarem ou conservarem informações passadas, principalmente de um povo sem escrita.

A memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. Ele também afirma, A memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade. (SILVA; SILVA, 2006, p. 01).

Portanto, até aqui o trabalho aborda o conceito de memória coletiva e memória individual, na concepção de HALBWACHS (1968), LE GOFF (1990), LIMA e ALMEIDA, (2011) e ARAÚJO e SANTOS (2007). Deste modo, esses teóricos concordam na concepção de memória coletiva como lembranças de experiências vivenciadas por grupo de indivíduos em um determinado período e local e a memória individual vem destacada como depoimento de experiência vivenciada por si só. Além disso, o conceito de memória também é considerado pelos autores como uma das formas de preservar, guardar e arquivar informações dos povos sem escrita. Sendo assim, evidenciar o conceito de memória é fundamental para esse trabalho, pois partindo dele compreenderemos melhor a temática em pesquisa.

2.2 Identidade cultural

Para melhor compreensão deste tema, trazemos aqui nesse subtópico o conceito do termo identidade cultural, buscando articular com aos aspectos identitários da Comunidade Quilombola Tinguizal, uma região em que o povo local que evidenciam e preservam seus saberes em defesa de sua identidade cultural. Para tal, trazemos ideias do autor Stuart Hall (2006), onde podemos destacar três concepções diferentes de Identidade, a primeira como, sujeito do Iluminismo, a segunda, sujeito sociológico e a terceira concepções é sujeito pós-moderno.

Na primeira concepção destacada, o sujeito é considerado um indivíduo unificado, (imutável) e deveria seguir o modelo da identidade anterior. Com isso, o autor afirma que,

Sujeito iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado unificado. E dotado das capacidades de razão de consciência e de ação num interior, que deveria permanecer, um processo contínuo e imutável do anterior. (HALL, 2006, p.10).

A segunda concepção de identidade destacada pelo autor é o sujeito sociólogo. É uma concepção oposta da primeira, desse modo, o indivíduo é formado nas relações com outro do passado.

Porém, refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não autônomo e auto-suficiente. Isso é formado na relação com outras pessoas, as quais mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos, isto é, a cultura do mundo que ele/ela habitava. (HALL, 2006, p.11).

Segundo Hall (2006, p.11), nessa concepção o indivíduo terá possibilidade de vivenciar e adquirir novas experiências, tornando um ser não unificado. Como diz Hall (2006, p.11) “a concepção sujeito sociólogo preenche o espaço entre o interior e o exterior entre o mundo pessoal e o mundo público”. Pois para Hall (2006, p.11), “A identidade nesse sentido de mudança vem considerando o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável tomando fragmentados compostos não de uma única, mas de várias identidades”.

Conforme Stuart Hall (2006, p.11), a interação simbólica são figuras-chaves na sociedade, através do convívio que elaboraram esta concepção interativa entre o eu e a sociedade. Assim, para o autor, o sujeito ainda tem um núcleo ou essência anterior que é o eu real, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que o mundo oferece. Conforme a afirmação de Hall (2006, p.11),

"a identidade que o sujeito exercia, seria fixa e mutável e transformada a partir do diálogo acessado exteriormente".

Na terceira concepção de identidade destacada por Hall, aborda que o indivíduo sem identidade fixa, essencial ou permanente.

É o sujeito pós-moderno. Para o autor, a identidade na pós-modernidade é refletida no sujeito sem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Conforme o autor, a identidade nessa concepção, torna-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...]. (HALL, 2006, p.12).

Para Hall (2006, p.13), “o sujeito assume identidade diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente”.

Dentre as três concepções de identidade assinaladas pelo autor, à concepção sujeito sociológico, é a mais usual na comunidade quilombola, na qual estar sendo destacada no princípio desse trabalho. A mesma é um lugar de povos sem escrita das experiências vividas, mas sempre buscou agregar valores, herança e sentido simbólico cultural. Da mesma forma, Procura preservar algo que foi vivido por sujeitos no passado, partindo de seus convívios no patrimônio. E que vai se transformando, adquirindo novos rumos por devido o sujeito ter contato do mundo exterior.

Contribuindo também nessa temática Claval (1995, p.146), afirma que:

O propósito da identidade territorial sugere considerar os seguintes elementos para a formação: “a origem comum, o desejo de adequar-se às práticas de um grupo e a construção da pessoa que repousa na articulação exercida de todos os aspectos de sua vida centrados na cultura”, ou seja, assumir-se como parte de grupo com dados valores culturais e praticá-los.

Hall, também traz em questão a “homogeneização” cultural, onde o mesmo destaca três qualificações principais: a primeira aborda parte da observação, onde ele afirma que:

Ao lado das tendências em direção a homogeneização global á também uma fascinação com as diferenças, mercantilizarão a etnia e da alteridade. Juntamente com o impacto global, há também um interesse pelo local, com a intencionalidade de explorar a diferenciação local. (HALL, 2006, p.77).

A segunda qualificação destacada pelo autor ele argumenta sobre a unificação global das identidades levando a compreensão que o intuito da globalização cultural é de padronização

dos diferentes costumes. Até então a globalização é muito desigualmente distribuída ao redor do globo. Conforme Hall (2006), “o mundo que vivemos, é constituído por uma heterogeneidade de diferentes convívios, saberes, experiências e valores.” Por sua vez o autor traz o terceiro ponto na crítica da homogeneização cultural, destacando que a cultura pode ser mais afetada, uma vez que a direção da fluência é desequilibrada e continuam existindo relações desiguais no poder cultural ou por definir algo que afeta o globo inteiro:

Globalização (na forma de especialização flexível e de estratégias de criação de "nichos" de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como "substituindo" o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre "o globo" e "local". (HALL, 2006, p.77).

As três qualificações destacadas pelo autor têm como intuito de abordar criticamente sobre a temática homogeneização das identidades globais. Para Hall (2006), o mundo é composto por diversas identidades culturais, e que essa diferencia pode ser que estar provocando a desigualdade no poder cultural. Com isso a unificação global da identidade pode vim com a possibilidade reforçar ou não, o global ocidental.

Como conclusões provisórias, Stuart Hall (2006), destaca que por um lado, a globalização tem o efeito de produzir uma cultura nacional e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultura local. Por outro lado, Isso tem a possibilidade de pluralizar sobre as identidades, com expectativas de produzir uma variedade de novas posições de identificação, assim, podendo tornar a identidade mais posicional, políticas, plurais e diversas.

Para Hall, (2006), algumas identidades gravariam aos efeitos e redor da tradição, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades que são sentidas como perdidas. E essa qualificação da globalização dita pelo autor aceita que as identidades estão sujeitas aos planos da história, política, representação e da diferencia, improvisando que sejam unitárias ou puras.

Em síntese, esse segundo subcapítulo, que traz em estudo a identidade cultural na concepção de Hall, (2006), vem apontando três diferentes concepções de identidade. A primeira aponta o sujeito que vive em uma identidade imutável, sujeito unificado, sem possibilidade de sair do seu interior e desfrutar de coisas novas. A segunda, “o indivíduo que vive de forma social”. Nessa concepção para o autor, o indivíduo busca a partir do seu interior adquire novas experiências agregando valor a identidades no decorrer da observação do novo. E por último o sujeito sem identidade fixa, ou seja, o sujeito não fica fixado em uma só identidade, pois, estar em constante mudança.

A memória coletiva é fundamental para concepção de sujeito sociólogo, pois, o indivíduo por mais que seja mutável, ele tem em si lembranças de experiência vivenciadas pelos seus antepassados. A mesma temática, também aponta sobre a possibilidade da globalização de identidade, na tentativa de adquirir igualdade no poder cultural. Conforme o autor, a homogeneização cultural pode surgir com duas intencionalidades: a primeira é a intenção da padronização dos modos de ser e agir dos indivíduos partindo de uma referência dominante, agregando das diferenças para ampliar o mercado. Tornando assim seus valores tradicionais cada vez mais fracos. E a segunda, compreende a homogeneização como uma boa maneira de elevar suas capacidades de espargimento observando também a possibilidade dos costumes, locais e inserirem aos elementos globais. Deslocando seus valores para fora de suas fronteiras e conhecendo novas identidades culturais.

A temática é essencial para essa pesquisa. Pois, a mesma busca compreender o paradigma de uma comunidade de povos que vivem praticando saberes rituais, em prol de reforçar e agregar valores para identidade cultural.

2.3 Práticas e representações culturais

Neste terceiro subtópico, abordamos a concepção teórica de práticas e representações culturais. Na qual do mesmo modo, através da articulação com aos aspectos da comunidade, buscaremos compreender o Contexto Histórico e Papel da Música Tradicional na Comunidade aqui em estudo. Para isso, trazemos convicções do autor Roger Chartier, (1995, p. 179);

A cultura popular como uma categoria erudita, destinava descrever produções e condutas situadas fora da cultura erudita, o conceito de cultura popular tem trazido nas suas múltiplas e contraditórias acepções, as relações mantidas pelos intelectuais ocidentais e, entre eles, uma cultura mais difícil ser pensada que dos mundos exóticos.

Para ele, poderia causar um risco para redução nas diferentes formas de pensar o conceito cultura popular.

É possível reduzir as inúmeras definições da cultura popular, dois grandes modelos de descrição e interpretação. Onde o primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, que concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica

absolutamente alheia e irreduzível a da cultura letrada. (CHARTIER, 1995, p.179).

Ainda conforme Chartier (1995), a preocupação em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Assim, segundo o mesmo, a cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente de outro. Tornando uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada.

Estes dois modelos de inteligibilidade, portadores de estratégias de pesquisa, de estilos de descrição e de propostas teóricas completamente opostas, atravessaram todas as disciplinas que pesquisam a cultura popular, seja a história, a antropologia ou a sociologia. (CHARTIER, 1995, p.02).

Ainda argumentando sobre a identificação do modo de descrição e proposta teórica da cultura popular, (CHARTIER, 1995, p.02), pondera que:

Assim, a oposição se fez termo a termo: a celebração de uma cultura popular em sua majestade se inverte em uma descrição "em negativo"; o reconhecimento da igual dignidade de todos os universos simbólicos dá lugar à lembrança das Implausíveis hierarquias do mundo social.

Com base nessa fundamentação, dessa maneira, esquece que tanto os bens simbólicos como as práticas culturais são consideradas algo neutro, que continuam sendo objeto de lutas onde está em jogo sua classificação, sua hierarquização, sua consagração. Para Chartier, compreender a cultura popular significa então, situar neste espaço de enfrentamentos as relações que unem dois conjuntos de dispositivos: de um lado, os mecanismos da dominação simbólica, cujo objetivo é tornar aceitáveis, pelos próprios dominados, representações e os modos de consumo. Esses conjuntos de dispositivos citados pelo autor, tem como poder de qualificar, ou antes, desqualificar sua cultura como inferior e ilegítima e de outro lado, as lógicas específicas em funcionamento nos usos e modos de apropriação do que é imposto.

Ainda segundo Chartier (1995), o livro e a leitura, podem-se formular várias proposições (proposta) articulando novas maneiras aos recortes sociais e as práticas culturais. Além disso, apresentar a subjetividade das representações, dedicando aos discursos e situada à distância do real. O autor também afirma que as Práticas e representações coletivas são matrizes construtoras do próprio mundo social.

Chartier (1991) apresenta três modalidades de relação com o mundo social: a primeira considera o trabalho de classificação e de separação como maneira de produzir configurações intelectuais múltiplas. Nesse sentido, a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade.

A segunda modalidade destacada por ele, afirma que é através das práticas, que possibilita o conhecimento de determinada identidade social. Além disso, favorece exibição de uma maneira própria de ser no mundo, relação com o mundo social, considerando o significado simbolicamente como estatuto e posição.

E por sua vez o autor expõe a última modalidade, considerando as formas institucionalizadas e objetivadas, onde no qual, as representantes de instancias coletivas marcam de forma visível, permanecendo a existência do grupo da classe ou da comunidade.

Conforme o exposto até aqui, pode-se afirmar que, o conceito de prática é considerado como método útil no fortalecimento e manutenção da cultura, o alimento ou ajudante útil respectivamente para evolução de um grupo cultural, a ferramenta para sobrevivência cultural. E através do valor de sobrevivência produzem o bem da cultura, fortalecendo a cultura no sentido de torná-la mais apta a resolver seus problemas e determinando a manutenção e a transmissão de suas práticas.

De acordo com o autor as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais representantes a instâncias coletivas ou indivíduos singulares, a existência do grupo da comunidade marca de modo visível e durador.

Fazendo um retorno ao pensamento de Hall (2006), onde ele destaca a representação reflexiva afirmando que é a parte essencial pelo qual refletem ao significado, produzindo uma ligação entre os membros de uma cultura. Assim trazendo as coisas viventes e seu significado para adquirir o diálogo cultural. Dado que, é por meio da representação que um grupo cultural se manifestará em prol da construção e transformação da identidade.

É através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano. (SANTI; SANTI, 2008, p. 02).

O paradigma de comunidade local tem nas representações culturais uma das grandes ferramentas para inter-relacionar com as práticas culturais. Traçada pela resistência de seus saberes, valorizando o sentido e significado da identidade cultural. Em geral a representação é considerada essencial para a própria constituição das coisas, pois, isso não é um processo somente no plano do pensamento, mas como renova e atua sobre a regulação das relações e sobre a própria prática social.

Visto que, os indivíduos em questão, são sujeitos sociológicos que partindo da memória práticas e representações, buscam usufruir de seus saberes adquiridos pelos antepassados e agregar valores para sustentabilidade e continuidade de sua identidade cultural.

3 COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Ao longo da história brasileira foram formados os Quilombos, que são decorrentes dos vários movimentos de resistência dos negros cativos que após fugirem, se refugiavam em locais de difícil acesso e afastados dos centros urbanos, formando então comunidades, com uma organização própria denominadas de “quilombos”. “A palavra quilombo é originária do idioma africano quimbunco, que significa: sociedade formada por jovens guerreiros que pertenciam a grupos étnicos desenraizados de suas comunidades.” (BARBOSA, 2017, p.53). De acordo com a Fundação Cultural Palmares (2008), os Kalunga, como também são conhecidos, são as comunidades quilombolas, ou comunidade afrodescendente, remanescentes das comunidades dos quilombos.

3.1 Comunidades Quilombolas no Brasil

No período colonial, o Brasil chegou a ter centenas de comunidades quilombolas espalhadas por vários estados do país. Sobre as comunidades reconhecidas ou em processo de titulação, vejamos o mapa a baixo.

Neste sentido, Andrade (2013), aponta que:

Em todo território brasileiro houve a presença de quilombos, e cada um tem a sua própria história. O mais famoso deles era o de Palmares. Este quilombo foi formado por escravizados de uma fazenda de açúcar em Pernambuco, que subiram a serra da Barriga, já no estado atual de Alagoas, por volta de 1597. Seu nome vem das palmeiras abundantes na região, que usavam para construir suas casas e extrair o palmito. Os primeiros habitantes eram provenientes das regiões onde hoje ficam Angola e Congo, porém ao longo dos anos formaram uma nação multiétnica que contava com indígenas e europeus. No auge Palmares chegou a abrigar 20 mil habitantes, fato que chamou a atenção das autoridades coloniais que submeteu a vários ataques, gerando a Guerra dos Palmares, que foi liderada por Zumbi dos Palmares contra as autoridades coloniais até 1694 quando foram derrotados após resistir a 42 dias de sítio.

Por muito tempo os refugiados em quilombos foram perseguidos e atacados, conseqüentemente muitos quilombos foram destruídos friamente, outros apesar de tantas perseguições conseguiram sobreviver, atravessando o período da abolição da escravatura e

permanecendo nos seus locais de “refúgio”, porém mesmo conseguindo a liberdade com o fim da escravidão, os quilombolas permaneceram por muito tempo marginalizados, necessitando então de outras formas resistência e luta.

Segundo Silva e Silva (2014, p. 195), a “luta pela preservação e reconhecimento legal das terras que residem os descendentes dos moradores dos antigos quilombos foi um desafio ao longo do século XX.” Mesmo antes da promulgação da Constituição Brasileira de 1988, alguns dos remanescentes dos quilombos já enfrentavam demandas judiciais em alguns Estados do Brasil visando evitar que fazendeiros e empresas conseguissem judicialmente ou pelo uso da força, as terras historicamente ocupadas por seus antepassados quilombolas.

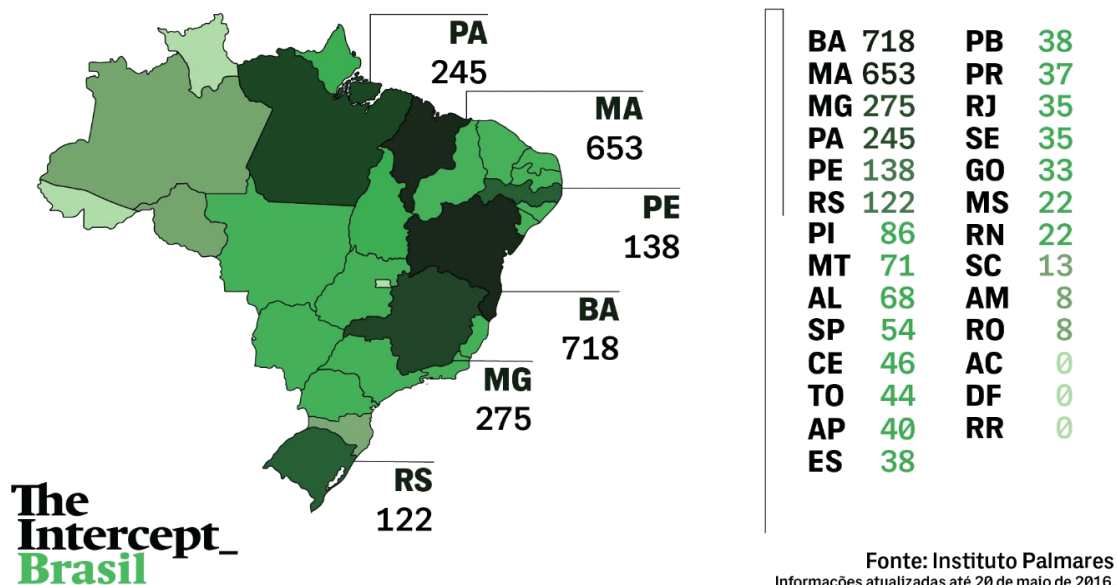
O Território Remanescente de Comunidade Quilombola é uma concretização das conquistas da comunidade afro descendente no Brasil, fruto das várias e heroicas resistências ao modelo escravagista e opressor instaurado no Brasil colônia e do reconhecimento dessa injustiça histórica. Embora continue presente perpassando as relações socioculturais da sociedade brasileira, enquanto sistema, o escravagista vigorou até 1888 e foi responsável pela entrada de mais de 3,5 milhões de homens e mulheres prisioneiros oriundos do continente africano – embora haja discrepância entre as estimativas apresentadas. (CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas).

“O quilombo enquanto categoria histórica detém um significado relevante, localizado no tempo e na atualidade e objeto de uma reinterpretação jurídica quando empregado para legitimar reivindicações pelo território dos ancestrais por parte dos denominados remanescentes de quilombos”. (MARIM apud SILVA e SILVA, 2014, p. 197).

De acordo com um levantamento da Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, foram mapeadas no Brasil um total de 3.524 dessas comunidades. Porém, de acordo com outras fontes, pode chegar a totalizar um quantitativo de cinco mil comunidades remanescentes de quilombolas em todo país. Podemos observar logo abaixo o mapa das Comunidades Remanescentes Quilombolas segundo o Instituto Palmares:

Figura 1 - Mapa das Comunidades Remanescentes Quilombolas Segundo o Instituto Palmares.¹

Número de Comunidades Remanescentes de Quilombos por Estado



Fonte: A12 Redação, (2016).

Até um século após a abolição da escravatura, os quilombos eram considerados regiões com grandes concentrações de escravos que fugiam do regime de escravidão. Com a Constituição Federal de 1988, o termo “quilombo” passou a definir os territórios ocupados por seus remanescentes. Hoje, essas comunidades passam por fases de identificação, e certificação, o que garante a eles a legalidade e a posse intransferível de seus territórios.

Como ressalta Vilas (2005, p. 187):

A figura “remanescente de quilombo” significa uma nova dimensão de quilombo no Brasil, para além da concepção arqueológica, inaugurada desde a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que

¹ Fonte: A12 Redação. **Mapa das Comunidades Remanescentes Quilombolas Segundo o Instituto Palmares.** 2016. Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=A12+Reda%C3%A7%C3%A3o+MAPA+DE+COMUNIDADES+REMANESCENTES+QUILOMBOLAS+NO+BRASIL.&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwjhjvmPlvTIAhXyH7kGHfNUBuQQsAR6BAgEEAE&biw=1286&bih=697>

reconhece, no artigo 68, a posse definitiva da terra e a obrigatoriedade do Estado na emissão dos títulos correspondentes a toda comunidade remanescente de quilombo. Desde então, algumas comunidades do país passaram por um processo de reconhecimento e titulação para o qual se elaboraram laudos antropológicos.

O mapeamento a seguir mostra das Terras Quilombolas Tituladas e em processo de titulação, isso de acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), (2016).

Figura 2 - Terras Quilombolas Tituladas e em Processo de Titulação no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).²



² Fonte: COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO. **Terras Quilombolas Tituladas e em Processo de Titulação no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)**, 2016. Disponível em: <http://cpisp.org.br/publicacao/mapa-terras-quilombolas-tituladas-e-em-processo-no-incra-2016/>.

Fonte: COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO, (2016).

De acordo com o mapeamento acima, os Estados com o maior número de comunidades certificadas são: Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Pará e Pernambuco. A região com o maior número de comunidades é o Nordeste, onde está concentrada mais de 60% das comunidades certificadas do país.

De acordo com Amorim (2012), A Fundação Palmares, contabiliza 2.002 comunidade certificadas e estima que há em média mil processos ainda em análise no órgão. Já no Incra, ainda de acordo com a reportagem, existem 1.167 processos em aberto, dos quais apenas 152 já tiveram o relatório técnico publicado. Desde 1988, 193 comunidades receberam o título de propriedade, emitido pelo Incra ou por institutos de terras estaduais.

Neste sentido, Treccani (2006), afirma que:

Muito mais do que uma procura “arqueológica” do passado, se deve garantir um direito aos remanescentes atuais. Por isso Maestri1 (2002, p.39) afirma que: “A Constituição de 1988 determinou a regularização da posse da terra por comunidades remanescentes de quilombos. Por razões de direito social, o termo quilombo, tem sido justamente expandido a toda comunidade rural de afro-descendentes, mesmo quando não originadas por quilombos, antes ou após a Abolição” (grifo no original). Nos territórios quilombolas se consagra não só uma “propriedade” que garante aos seus detentores o domínio da terra, mas se expressa uma forma peculiar de apossamento e uso dos recursos naturais, caracterizada como “propriedade coletiva”, fruto de uma identidade coletiva.

O que se percebe é que quando se trata de comunidades quilombolas no Brasil ainda precisa de mais estudos dando a eles uma visibilidade histórica maior do que a que se encontra até o momento. Alguns pontos imprescindíveis para que isso aconteça é o reconhecimento, a identificação, a certificação e a legitimação dos seus direitos.

3.2 Comunidades Quilombolas em Goiás

Na região norte e nordeste de Goiás foram formados vários quilombos entre os séculos 18 e 19, na sua maioria formados por escravos fugitivos das minas de ouro que existiam na região. Os quilombos registrados na região foram: o de Acaba Vida, Muquém e Papuã (Niquelândia), Forte (São João d'Aliança), Mesquita (Luziânia), Pilar (Goiás) e Kalunga (Cavalcante, Teresina e Monte Alegre).

As comunidades Quilombolas denominadas Kalunga do estado de Goiás estão localizadas na região nordeste do estado, se estendendo pelos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, na região da Chapada dos Veadeiros. Em todo estado foram registrados pela Fundação Palmares a existência de 33 quilombos em Goiás, sendo que ainda existem alguns em processo de reconhecimento pela instituição.

Fazendo referência a Baiochi (2006), Anjos e Cypriano defendem que o Kalunga é considerado o mais importante da região centro-oeste e um dos maiores do país, em termos numéricos e histórico, ocupando uma área de 253,2 mil hectares, com uma população estimada em mais de 6 mil habitantes. Em 1991 foram reconhecidas pelo governo de Goiás como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Como podemos observar no mapa abaixo:

Figura 3 – Mapa de Localização do SHK – Sítio Histórico Kalunga.³



Fonte: AGUIAR, Vinícius G. de, (2014).

O quilombo do Sítio Histórico Kalunga (SHK), é representante de uma das maiores expressões de luta e resistência organizadas no Brasil, especialmente quando se trata na luta

³ Fonte: AGUIAR, Vinícius G. de. **SÍTIO HISTÓRICO KALUNGA (GO): RELEVO E SUA RELAÇÃO COM O USO E A OCUPAÇÃO DAS TERRAS.** 2014. Disponível em: https://odonto.ufg.br/up/133/o/vinicius_territorio.pdf

pela terra, que resistiu ao sistema colonial-escravista, sendo conduzida e liderada por africanos escravizados e seus descendentes nascidos no país.

Durante muitos anos os Kalunga viveram isolados, não havendo históricos de conflito ou de lutas pela propriedade das terras, as terras eram ocupadas e distribuídas considerando as necessidades de cada comunidade. Atualmente em todo Kalunga vivem mais de 2.000 famílias, chegando a totalizar um quantitativo de quase 8.000 pessoas.

Segundo Almeida (2010. p. 46), “o Sítio das Terras dos Kalunga constitui um legado cultural pela sua história e todo o conjunto de elementos simbólicos que ajudam a configurar a identidade cultural dos quilombolas naquele território no qual se acham legitimados socialmente”. Convém frisar que o território é, para aqueles têm uma identidade territorial com ele, o resultado de uma apropriação simbólico-expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas. O Sítio Histórico Kalunga é uma das maiores riquezas culturais do estado de Goiás, e os Kalungas possuem quatro núcleos diferentes: Vão de Almas, Vão do Moleque, Ribeirão dos Bois e Contenda. Esses núcleos são formados por pequenos povoados como Engenho, Diadema, Riachão e Ema, dentre outros, como a Comunidade Kalunga Tinguizal, que será tratado no tópico a seguir.

3.3 Comunidade Tinguizal no Município de Monte Alegre de Goiás

Como boa parte dos quilombos no Brasil, a comunidade Tinguizal Kalunga situada Monte Alegre de Goiás, onde vivem aproximadamente 60 famílias, viveram historicamente no isolamento tanto em termos de acesso como de meios de transporte. Durante muito tempo não havia qualquer estrada que desse acesso para as Comunidades Kalunga do município de Monte Alegre de Goiás, apenas trilhas para cavalo ou a pé. Em 1997 com a colaboração e lutas coletivas feitas por membros da comunidade foram abertas estradas para passagem de veículos que servem até os dias atuais.

Logo a seguir podemos observar a imagem do mapa da comunidade em questão:

Figura 4 – Mapa do Quilombo Kalunga do Município de Monte Alegre de Goiás, localização da comunidade Quilombola-Kalunga Tinguizal, local da pesquisa de campo.⁴



Fonte: TAKARASHI, Fátima Gonçalves Messias; ALVES, Paulo Vicente, (2015).

A estrada que dá acesso a comunidade é de cascalho com pedras soltas e tortuosas e as chuvas contribuem para a erosão, além de torná-la escorregadia, tornando difícil o acesso dos veículos com cargas pesadas, ou com passageiros, assim, faz se necessário que os passageiros desçam dos veículos e ajudem a empurrá-lo seguindo parte do trajeto a pé com suas bagagens na cabeça. O meio de comunicação mais eficiente na área ainda é via telefonia celular em alguns planaltos de grandes altitudes ou com antena local, mas as informações também chegam à comunidade por meio da televisão com antena parabólica.

⁴Fonte: TAKARASHI, Fátima Gonçalves Messias; ALVES, Paulo Vicente. **Imagens representacionais das políticas públicas à educação e à saúde, no imaginário de um grupo de idosos da comunidade Quilombola-Kalunga, de Monte Alegre de Goiás.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, vol.23 no.88 Rio de Janeiro: 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362015000300567

Em termos de segurança por parte da saúde, não há saneamento básico no local, apesar do saneamento em áreas de quilombo e/ou rural e também em Municípios com menos de 50 mil habitantes ser de responsabilidade da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), órgão ligado ao Ministério da Saúde. A comunidade não conta com esgotamento sanitário ou coleta de lixo, prevalecendo à queima. Não possui posto de saúde e apenas um Agente Comunitário de Saúde (ACS), que faz visitas regulares nas casas.

A comunidade em questão possui somente uma escola para atender os moradores, a Escola Municipal Tinguizal, que atende pela rede municipal os alunos do Ensino Fundamental I, ou seja, da alfabetização até o 5º ano, isso no período matutino, nos períodos vespertino e noturno a escola funciona como extensão do Colégio Estadual Calunga II, sendo que no período vespertino atende os alunos do Ensino Fundamental II de 6º ao 9º ano, e no período noturno a modalidade de ensino para Educação de Jovens e Adultos (EJA), e 1º série do Ensino Médio.

Atualmente 98% da comunidade local está sendo beneficiada com a energia elétrica, que chegou na comunidade somente em meados de 2006, com isso, em termos de iluminação as casas não utilizam mais os métodos anteriores, tais como: as lamparinas ou candeias de cera de abelha com algodão abastecido com querosene trazidas da cidade ou mesmo com óleo de mamona feito no local, como se fazia antigamente.

Durante o período realização da pesquisa foi constatado na comunidade um quantitativo de 60 famílias, totalizando 190 pessoas entre crianças, jovens e adultos. Desse total de habitantes aproximadamente 42% tem fácil acesso a água potável no período de estiagem. A água que abastece esse percentual da comunidade via encanamento vem do Rio Basílio, os demais pegam água no córrego chamado Saco, quando estiver na estação inverno, Cesário e no rio Alminha, (o maior rio da comunidade em estudo).

Com as mudanças climáticas entre os meses de agosto, setembro e outubro, provoca a escassez dos córregos, o que leva algumas famílias a perderem o seu abastecimento de água por meio dos córregos, principalmente o córrego Saco, deixando 18 famílias com dificuldade de água, com isso, as mesmas tem que andar aproximadamente 3 km para buscar água para beber e suprir suas necessidades.

A comunidade Tinguizal possui uma grande variedade de tradições, desde o início o povo Kalunga em geral faz o uso da oralidade para contar suas histórias, repassando e

garantindo a continuação conhecimento empírico historicamente construído na comunidade. Fazendo assim a transmissão oral de sua identidade cultural para filhos, netos, sobrinhos, etc.

As comunidades remanescentes quilombolas se desenvolveram ao longo da formação de toda história brasileira, com características próprias de ocupação da terra, organização social, religiosa e identitária.

O tamanho das comunidades e sua população diferenciam-se de acordo com as especificidades e história de cada uma. São muitas as comunidades identificadas e reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares como remanescentes de quilombos e que ainda não foram contempladas com a regulamentação das suas terras, sendo este, um dos desafios. Estas comunidades possuem peculiaridades e muitas ainda guardam tradições antigas recebidas de seus ancestrais. (SILVA e SILVA, 2014, p.198).

As moradias dessas comunidades em sua maioria eram construídas de palha, pau a pique e adobe, matérias disponíveis e retirados das próprias comunidades. Atualmente, no Tinguizal e em outras comunidades Kalunga do município de Monte Alegre de Goiás já possuem casas de alvenaria, construídas com tijolos e tampadas com telhas, dando um pouco mais de conforto as famílias que lá permanecem.

Os festejos são rituais religiosos de grande expressão cultural nessas localidades. Muito mais do que uma simples comemoração religiosa, para a comunidade local elas representam uma forma de reafirmar e manter suas tradições e sua identidade cultural, além de ter um papel social muito importante em termos de unir os moradores em toda organização para manter as tradições e os costumes que são passadas de geração em geração. Essas festas populares podem ser consideradas marca registrada nas comunidades. A forte religiosidade do povo é pode ser observada nos festejos em homenagem aos santos realizados em diversas épocas ao longo do ano.

A comunidade local tem como foco principal os rituais do giro da folia de Nossa Senhora do Rosário, a importância da folia para a festa é que através dela, a santa anda na casa de todos moradores da comunidade Tinguizal e algumas vezes se estende para casas mais distante, tudo depende da desenvoltura do fenômeno. Levando as benções, e convidando todos a ir participar da festa. E para a realização da mesma é necessário foliões experientes a cantar os cantos da folia. Estes foliões aprendem os cantos na prática da oralidade, os novos foliões vão aprendendo o canto junto com os mais velhos, no decorrer do giro da folia. E nesse trajeto,

a dança da sussa é uma maneira de agradecimentos e diversões aos membros do grupo de giro e os proprietário das casas que recebem a divindade. Nesses momentos, homens e mulheres se junto no mesmo patamar, interagindo e expressando sua alegria através dos gestos, dos sons, das rimas das músicas, e postura corporal.

No capítulo a seguir falaremos sobre a importância da Oralidade e Musicalidade na comunidade em questão, trazendo em evidência a importância dessa temática para a preservação das memórias e preservação da música tradicional na comunidade.

4 ORALIDADE E MUSICALIDADE

Entende-se que a oralidade é a característica ou condição do que é oral, ou seja, do que é falado. Portanto, um procedimento que só se faz verbalmente, em oposição ao escrito. Antigamente, muitos povos não possuíam a língua escrita para registrar seus costumes, leis, histórias, rituais religiosos, e todos os componentes que definem sua identidade. Esses registros eram feitos oralmente, passados de geração para geração. Sendo assim, a oralidade tem a importância de preservação histórica da identidade de muitos povos, que tinha a comunicação oral como única forma de registro para evitar o esquecimento.

4.1 Relatos de memória sobre a Folia de Nossa Senhora do Rosário

Este último capítulo foi construído a partir de relatos orais e memórias de alguns moradores da comunidade pesquisada, a fim de elucidar sobre a Folia de Nossa Senhora do Rosário como manifestação cultural e religiosa tão importante não só para os que se envolvem nela todos os anos, mas, também para toda comunidade local. As entrevistas com perguntas semi-estruturadas foram realizadas mais precisamente com dois moradores da comunidade Kalunga – Tinguizal município de Monte Alegre de Goiás, que serão aqui denominados como entrevistados **A** e **B**.

O entrevistado **A**, possui 43 anos e é morador da comunidade desde nascido, conhecedor dessa manifestação cultural desde criança, a partir da sua vivência ele traz em sua fala relatos importantes sobre a folia de Nossa Senhora do Rosário e sua organização. Segundo ele a folia tem como período de giro do dia 29 (vinte e nove) de setembro ao dia 7 (sete) de outubro, sendo que, no primeiro dia todos os envolvidos na folia se reúnem na casa do encarregado, pois a cada ano é escolhido uma pessoa diferente para se encarregar da organização da mesma, durante essa reunião é feita a divisão da função de cada participante de acordo com a responsabilidade e saber de cada um. Nesse mesmo dia eles iniciam o ensaio da folia. No dia 30, o encarregado faz a distribuição dos cavalos para os foliões que não os possui, assim, fazendo o canto de despedida, onde ali se despedem de todos que vão ficando e começam sua jornada de giro por 8 (oito) dias. No decorrer desse giro, os foliões vão recolhendo as esmolas para o sustento e ajudar os festeiros no que precisa.

O entrevistado afirma quem vem praticando esse ritual por ser uma cultura muito importante para a comunidade local e também por que quis honrar o pedido de seu tataravô, para que não deixasse “perder de vista” essa tradição religiosa da família, segundo ele durante todos esses anos ele “ainda não deixou a peteca cair, e que nunca vai deixar”, pretendendo sempre passar seu conhecimento para os mais novos, afim de nunca deixar acabar esse legado. O mesmo afirma que, o descobrimento da santa Nossa Senhora do Rosário, foi a partir de situações vividas pelos mais antigos, que ao perceberem que não tinha mais como escaparem da morte devido a algum problema de saúde, ou situação de perigo, depositavam toda sua fé e devoção na santa, fazendo e cumprindo promessas, e ao verem que seus problemas se solucionavam a partir da sua fé e religiosidade, não pararam mais de praticar o ritual em homenagem e agradecimento a Nossa Senhora do Rosário.

Ainda de acordo com os relatos do entrevistado **A**, a Santa na visão dos moradores da comunidade é muito milagrosa e que entre eles fé fala mais alto, que o fato de manterem viva a tradição da Folia de Nossa Senhora do Rosário não é somente por diversão, mas, que para eles essa é uma forma de se comunicarem com Deus. O entrevistado diz, que esse ritual em homenagem a Santa, é único na comunidade Tinguizal, pois em toda região só existe essa. Relata ainda que, apesar de vivenciar essa tradição religiosa desde criança acompanhado seus parentes nos giros, foi a partir dos seus 17 (dezesete) anos de idade que começou a girar como folião na função de guia, fazendo rodas, batucadas e cantos, sendo eles: (canto de recolher esmola, bendito de mesa, agasalho e arremate da folia).

O entrevistado afirma que, com o passar dos anos, as regras em torno da organização dos giros da folia não é mais como antigamente, já não são tão respeitadas como antes. Para ele, nos tempos dos foliões mais velhos, tinham regras que eram seguidas à risca tais como: o respeito total ao alferes e ao guia, chegando na casa cada membro do grupo já deveria cumprir com sua obrigação, as suças eram tocadas assim que o proprietário da casa desse a ordem, não era permitido aos foliões ter nenhum tipo de relação com mulheres antes do término do giro da folia, os foliões deveriam se comportar no momento do trabalho, não era aceito que se pronunciasse nenhum tipo de palavra de baixo calão (mais conhecida popularmente como palavrão), não era permitido para o alferes e ao folião guia fazer pousos na casa de suas respectivas namoradas, ou de alguma mulher na qual já tivesse tido algum tipo de envolvimento. Para o entrevistado, nos dias atuais tudo isso mudou muito, cerca de 70% dessas regras já foram quebradas pelos atuais foliões que fazem parte do giro da folia, o que para ele dificulta bastante manter uma folia em giro, pois, os envolvidos não têm mais a mesma responsabilidade de

antigamente, a falta de consideração por parte dos foliões estar aniquilando cada vez mais a prática do ritual.

Na mesma linha de visão e vivência no ritual aqui em estudo, o entrevistado **B**, que possui 64 (sessenta e quatro) anos de idade, morador da comunidade desde o nascimento. O mesmo afirma que a tradição de girar uma folia em homenagem a santa Nossa Senhora do Rosário foi iniciada ali mesmo na comunidade Tinguizal, e que não tem lembrança de como foi iniciada e nem de que forma foram feitas as primeiras organizações, como a pintura da bandeira que foi confeccionada ali mesmo na comunidade, mas, que desde criança, suas lembranças sobre a folia são sempre dentro da comunidade, segundo ele, a bandeira utilizada atualmente nos giros já é a segunda a ser confeccionada desde o início da mesma.

Ainda de acordo com os relatos do entrevistado **B**, em concordância com os relatos do entrevistado **A**, foram os moradores mais antigos da comunidade que iniciou esse ritual de fé na Santa, isso devido acreditarem que a devoção deles com a mesma solucionaria situações do dia-a-dia, nos quais eles já não possuíam o controle, isto na saúde, no casamento e em outras situações. E que sempre as pessoas se dispõem em fazer promessas elas cumprem. A maioria das causas das promessas era no intuito de sanar problemas relacionados à saúde, nos quais não conseguiam a cura com uso de plantas medicinais. Algumas pessoas faziam promessas de fazer o giro, de ficar encarregado da folia, de se ajoelhar no momento do canto, de recolher esmola e que tudo era resolvido. Para o colaborador da pesquisa a Santa para eles é como se fosse “um telefone para comunicar com Deus”.

O entrevistado ainda pondera que cada canto feito pelos foliões tem uma finalidade dentro da mesma, por exemplo, o canto para agradecer seria para saudar espiritualmente o dono da casa, fazendo uma aproximação na comunicação com Deus. Ele afirma que, as rodas realizadas após a apresentação da folia seriam feitas no intuito de louvar e agradecer, (como se fosse uma forma de pagar a despesa feita pelo dono da casa, e também forma de diversão para eles mesmos).

Ele diz que em relação às músicas entoadas por eles, ele não sabe explicar como surgiram e nem por quem foram criados todos os versos dos cantos da divindade, mas, o mesmo afirma que, em sua fé ele acredita que Deus tocou na alma e no coração de seus ancestrais, dando sabedoria para criação dessas palavras de Deus.

O entrevistado faz severas críticas ao modo de agir dos novos foliões e a maneira de como conduzem atualmente o giro da folia desrespeitando as regras que eles tinham antigamente, segundo ele, hoje ele não faz mais parte desse ritual, devido à falta de respeito e falta de diálogo entre os foliões. Para ele, hoje o gosto e a fé pelo ritual está acabando.

4.2 Os cantos

Os cantos da folia descritos nesse subtópico foram feitos de acordo com os relatos dos entrevistados, eles afirmam que os cantos são os mesmos desde o surgimento da folia, e são passados de geração em geração através da oralidade, assim como outras crenças e mitos existentes na comunidade, auxiliando assim na perpetuação desta.

- **Canto de ensaio ou reunir**

Na casa onde reside a Santa, será feita a primeira reunião. Ali reuni todos os foliões e moradores da comunidade para fazer o ensaio da folia. Isso acontecerá no dia 29 de outubro, por volta das 19h00min. Nesse momento, cada integrante do grupo ficara sabendo da sua função, tais como: Alfeu, guia, caixeiro, contra guia, bagageiro, entre outros que fica de plantão para se caso precisa no decorrer do giro e pessoas de estão em processo de aprendizagem.

Introdução: E A E A E B E

E A B A E

Pelo nome de Deus pai, peço licença Jesus

E A B A E

Para nós poder cantar fazemos sinal da cruz

E A B A E

Fizemos sinal da cruz do ombro esquerdo para direito

E A B A E

Nome do pai fez na testa nome do filho fizemos no peito

E A B A E

Entre mar o entre terra entre estrela e chão

E A B A E

Na casa do encarregado reuniu seus foliões

E A B A E

Reuniu seus foliões pra sair com essa folia

E A B A E

Pra sair com esse retrato da nossa mãe que nos cria

E A B A E

Nossa senhora vai para o giro toda coberta de ouro

E A B A E

Vai aos braços do Alfeu o retrato e um tesouro

E A B A E

Salve Deus encarregado com prazer e alegria

E A B A E

Tão alegre e satisfeito de soltar essa folia

E A B A E

Alfeu e foliões despedir de sua família

E A B A E

Na saída marca hora na chegada marca o dia.

E A B A E

Nossa senhora vai para o giro é um retrato verdade

E A B A E

Pede esmola aos moradores do encarregado é o primeiro

E A B A E

Deus te cobre com a bandeira leva seu joelho no chão

E A B A E

Joelho beija o retrato a nossa mão pede benção

E A B A E

Levanta filho de deus fazendo o sinal da cruz

E A B A E

Fazendo com a mão direita é o segmento de Jesus

- **Canto de despedida**

O canto de despedida é feito no dia 30 de outubro, por volta das 07h30min da manhã. Nesse momento os foliões usam seus saberes e criatividade para despedir da residência, encarregado, familiares e das pessoas que prestigiou o ensaio.

Introdução: E A E A E B E

E A B A E

Lá no céu tocou no sino e na terra foi avisado

E A B A E

Na saída de Jesus o mundo foi iluminado

E A B A E

O mundo foi iluminado do nascente para o poente

E A B A E

Nessa hora vai saindo o esse santo e o sacramento

E A B A E

O esse santo sacramento vai pra onde da hora

E A B A E

Para lá vai á folia da nossa mãe rei da gloria

E A B A E

A virgem nossa senhora é o mistério tão fino

E A B A E

Ela já vai para o giro já estar se a despedindo

E A B A E

Ela estar se a despedindo antes de nos viajar

E A B A E

Para o ano no mesmo tempo ela vem nos visitar

E A B A E

Despedida – despedida e despedida da sua sorte

E A B A E

Os anjinhos do céu assistem na hora da sua morte

E A B A E

Despedida – despedida e despedida rigorosa

E A B A E

Agora estamos afastando o cravo do pé da rosa

E A B A E

Ela está se despedindo vai correr o seu sertão

E A B A E

Leva no bico o Alfeu e nas asas seus foliões

E A B A E

Deus lhe pague o agasalho e também pela vossa mesa

E A B A E

A virgem nossa senhora quem lhe pague sua despesa

E A B A E

Deus lhe cobre com a bandeira da senhora que vai embora

E A B A E

Ela é mãe do redentor soberano rei da gloria

E A B A E

Na hora de deus amém fizemos sinal cruz

E A B A E

Pai e filho espírito santo, para sempre amém, Jesus

- **Canto de recolher esmola**

No instante em que chegam as residências os foliões entram pela sala da casa e fazem uso de seus saberes em trovas e versos, em prol de saudar o a família inteira e pedir a esmola.

Introdução: E A E A E B E

E A B A E

O primeiro andou no mundo e foi São Pedro mais Jesus

E A B A E

O ele andava pelo mundo e fazendo sinal da cruz

E A B A E

O fazendo sinal da cruz e já chegou dizendo

E A B A E

E o principio do terreiro e sua casa vei benzendo

E A B A E

E sua casa vei benzendo, para Nossa Senhora entrar

E A B A E

E pra soldar o dono e casa e no lugar onde estar

E A B A E

E senhora com seus meninos e terá ciente nessa hora

E A B A E

E quem primeiro fez o canto e foi Deus e Nossa Senhora

E A B A E

E foi Deus e Nossa Senhora e vei por ordem de Deus pai

E A B A E

E vei falar religião, resplandeceu a divindade

E A B A E

E solo bateu na porta e soldar pelo poente

E A B A E

E vou soldar essa senhora, com sua filha na frente

E A B A E

Nossa Senhora vei girando e trouxe a vida pelo o nó

E A B A E

E pra casado uma boa vida e pra solteiro uma boa sorte

E A B A E

E não desfaz desse retrato e da virgem nossa senhora

E A B A E

Ela é mãe do retentor e soberano o rei da glória

E A B A E

E virgem Nossa Senhora, ela é uma santa virtuosa ela

E A B A E

O benze ela oferece e joga Deus Jesus por nós

E A B A E

Nossa Senhora vem girando e pedi sua boa esmola

E A B A E

E pedi aqui na terra e vai recompensar na glória

E A B A E

E vem pedindo a esmola e manda-nos pra receber

E A B A E

E ele pede aqui na terra e no céu vai **E** agradecer

E A B A

E dar esmola pra Nossa Senhora e não dar ela com a mão fechada

E A B A E

E o pouco com Deus são muitos e muito sem Deus é nada

E A B A E

A senhora dona da casa e ainda mesmo seus filhos ausente

E A B A E

E alegai Nossa Senhora e traga em suas presenças

E A B A E

E traga ele em suas presenças e seja onde ele estiver

E A B A E

E aqui seja protegido e por Jesus Deus Nazaré

E A B A E

E as palavras que falemos e La no Céu já foram ouvidas

E A B A E

E pra fazer uma saudação e a família reunida

E A B A E

E a família reunida aqui e para isso nós deseja

E A B A E

E quando os anos forem completos e no reino do Céu se veja

E A B A E

O Deus se cobre com a bandeira e bandeira e quem se cobre

E A B A E

E leva seus joelhos a terra e receba a misericórdia

E A B A E

E os anjos cantaram na glória e cantou na terra também

E A B A E

E pai o filho espírito santo e nas horas de Deus amém

• **Canto de Agasalho**

Introdução: E B E B

E B E

Continência meu Alfeu, na chegada de Jesus

E B E

Continência meu Alfeu, na chegada de Jesus

E **B** **E**
 Senhora dona da casa, abre a porta e sendo a luz

E **B** **E**
 Senhora dona da casa, abre a porta e sendo a luz

E **B** **E**
 Porta aberta luz acesa, no princípio do terreiro

E **B** **E**
 Porta aberta luz acesa, no princípio do terreiro

E **B** **E**
 Antes de nós apiarem, peço agasalho primeiro

E **B** **E**
 Antes de nós apiarem, peço agasalho primeiro

E **B** **E**
 Vou pedir vós agasalho, antes de eu apiar

E **B** **E**
 Vou pedir vós agasalho, antes de eu apiar

E **B** **E**
 Depois de eu apiado, de as mãos vamos louvarem

E **B** **E**
 Depois de eu apiado, de as mãos vamos louvarem

E **B** **E**
 O que noite tão alegre, que as estrelas vão fechando

E **B** **E**
 O que noite tão alegre, que as estrelas vão fechando

E **B** **E**
 A virgem Nossa Senhora, em sua casa vai chegando

E **B** **E**
 A virgem Nossa Senhora, em sua casa vai chegando

E **B** **E**
 Em sua casa vei chegando pra guia dos três abortos

E **B** **E**
 Em sua casa vei chegando pra guia dos três abortos

E B E

Chegou a sua casa, antes de chegar a noite

E B E

Chegou a sua casa, antes de chegar a noite

E B E

Nossa Senhora gira o dia, a noite é pra agasalhar

E B E

Nossa Senhora gira o dia, a noite é pra agasalhar

E B E

Decidindo o tempo todo, morador desse lugar

E B E

Decidindo o tempo todo, morador desse lugar

E B E

Quando der seu posado, dera de bom coração

E B E

Recebendo Nossa Senhora, Alfeu e foliões

E B E

Recebendo Nossa Senhora, Alfeu e foliões

E B E

Ela já vem girando, procurando o seu romance

E B E

Ela já vem girando, procurando o seu romance

E B E

Procurando sua morada, para fazer um descanso

E B E

Procurando sua morada, para fazer um descanso

E B E

Ela já vem o girando, já cansada dos trabalhos

E B E

Ela já vem o girando, já cansada dos trabalhos

E B E

Chegou hoje na sua casa, pedindo um bom agasalho

E **B** **E**
 Chegou hoje na sua casa, pedindo um bom agasalho

E **B** **E**
 Ela já vem o girando, vem com grande zarrío

E **B** **E**
 Ela já vem o girando, vem com grande zarrío

E **B** **E**
 Chegou hoje na sua casa, com esse terno de folia

E **B** **E**
 Nossa Senhora aqui chegou molhadinha de sereno

E **B** **E**
 Nossa Senhora aqui chegou molhadinha de sereno

E **B** **E**
 Parecendo a estrela D'alva, quando o dia estiver amanhecendo

E **B** **E**
 Parecendo a estrela D'alva, quando o dia estiver amanhecendo

E **B** **E**
 Quando o dia está amanhecendo, pela D'alva iluminou

E **B** **E**
 Quando o dia está amanhecendo, pela D'alva iluminou

E **B** **E**
 No nascimento de Cristo, onde ele santificou

E **B** **E**
 No nascimento de Cristo, onde ele santificou

E **B** **E**
 La no Céu tem sete estrelas, todas elas carreada

E **B** **E**
 La no Céu tem sete estrelas, todas elas carreada

E **B** **E**
 Parecendo as três alianças, no caminho de São Tiago

E **B** **E**
 Parecendo as três alianças, no caminho de São Tiago

E **B** **E**
 No caminho de São Tiago, vinte e cinco, ela encruzou

E **B** **E**
 No caminho de São Tiago, vinte e cinco, ela encruzou

E **B** **E**
 La no portão de Belém, onde está Nosso Senhor

E **B** **E**
 La no portão de Belém, onde está Nosso Senhor

E **B** **E**
 Faz a venda meu Alfeu, com essa bandeira na mão

E **B** **E**
 Faz a venda meu Alfeu, com essa bandeira na mão

E **B** **E**
 Benzendo o dono e a casa, em tão boa ocasião

E **B** **E**
 Benzendo o dono e a casa, em tão boa ocasião

E **B** **E**
 Senhora dona da casa, alegrar seu coração

E **B** **E**
 Senhora dona da casa, alegrar seu coração

E **B** **E**
 E receba essa bandeira, agasalha os foliões

E **B** **E**
 E receba essa bandeira, agasalha os foliões

E **B** **E**
 Faça entrega da bandeira, para poder se agasalhar

E **B** **E**
 Faça entrega da bandeira, para poder se agasalhar

E **B** **E**
 Traga ela daqui a pouco, na hora de nós cantarmos

E **B** **E**
 Traga ela daqui a pouco, na hora de nós cantarmos

E agora vamos rezar e bendito louvado seja

E A E B E

E bendito louvado seja e são palavras de principio

E A E B E

E bendito louvado seja e são palavras de principio

E A E B E

E na cabeceira da mesa e vamos rezar o bendito

E A E B E

E na cabeceira da mesa e vamos rezar o bendito

E A E B E

E vamos rezar o bendito e com essa família inteira

E A E B E

E vamos rezar o bendito e com essa família inteira

E A E B E

La no céu de recompensa o virgem mãe padroeira

E A E B E

La no céu de recompensa o virgem mãe padroeira

E A E B E

E Alfeu e foliões vão pagar o que nós devemos

E A E B E

E Alfeu e foliões vão pagar o que nós devemos

E A E B E

E vamos agradecer a mesa, que nela nós já jantemos

E A E B E

E vamos agradecer a mesa, que nela nós já jantemos

E A E B E

E cabeceira da mesa, nossa senhora representou

E A E B E

E cabeceira da mesa, nossa senhora representou

E A E B E

E com Alfeu e foliões, agradecendo o senhor

E A E B E

E com Alfeu e foliões, agradecendo o senhor

E A E B E

E três palavras nessa virgem e quando Deus era menino

E A E B E

E três palavras nessa virgem e quando Deus era menino

E A E B E

E ele nasceu foi de uma rosa e sacramento é o divino

E A E B E

E ele nasceu foi de uma rosa e sacramento é o divino

E A E B E

E faz a venda meu Alfeu e não se benzo com ela em cruz

E A E B E

E faz a venda meu Alfeu e não se benzo com ela em cruz

E A E B E

E para benzer essa mesa, com o retrato de Jesus

E A E B E

E para benzer essa mesa, com o retrato de Jesus

E A E B E

E o retrato de Jesus e são José e nossa Maria

E A E B E

E o retrato de Jesus e são José e nossa Maria

E A E B E

E faz uma delicadeza, em parou de sua família

E A E B E

E faz uma delicadeza, em parou de sua família

E A E B E

E Deus salve e essa mesa, forrada com esse véu

E A E B E

E Deus salve e essa mesa, forrada com esse véu

E A E B E

E a virgem nossa senhora, leva essa mesa no céu

E A E B E

E a virgem nossa senhora, leva essa mesa no céu

E A E B E

E levando joelho a terra, todo mundo presta atenção

E A E B E

E levando joelho a terra, todo mundo presta atenção

E A E B E

E a virgem Nossa Senhora, abençoar nos foliões

E A E B E

E a virgem Nossa Senhora, abençoar nos foliões

E A E B E

E na cabeceira da mesa, tem um garfo e uma colher

E A E B E

E na cabeceira da mesa, tem um garfo e uma colher

E A E B E

E quando Deus fez o mundo, fez o homem e a mulher

E A E B E

E quando Deus fez o mundo, fez o homem e a mulher

E A E B E

E lá na outra cabeceira, tem um jarro com pouco d água

E A E B E

E lá na outra cabeceira, tem um jarro com pouco d água

E A E B E

E com os poder de Nossa Senhora, essa água ta abençoada

E A E B E

E com os poder de Nossa Senhora, essa água ta abençoada

E A E B E

E esta água ta abençoada e agora vamos oferecer

E A E B E

E esta água ta abençoada e agora vamos oferecer

E A E B E

E tem o sangue de Jesus Cristo, quem dessa água beber

E A E B E

E tem o sangue de Jesus Cristo, quem dessa água beber

E A E B E

E avo ou um pombo roxo, nos aro parou de frente

] E A E B E

E avo ou meu pombo roxo, nos aro parou de frente

E A E B E

E dando louva as cozinheiras, agradecendo o servente

E A E B E

E dando louva as cozinheiras, agradecendo o servente

E A E B E

E o servente e as cozinheiras, todos são filhos de Jesus

E A E B E

E o servente e as cozinheiras, todos são filhos de Jesus

E A E B E

E os passos que deu na terra, La no céu Deus sendo a luz

E A E B E

E os passos que deu na terra, La no céu Deus sendo a luz

E A E B E

E esta mesa estar agradecida, pelo santo que aqui estar

E A E B E

E esta mesa estar agradecida, pelo santo que aqui estar

E A E B E

Agradecida e abençoada, agora vamos louvar

E A E B E

Agradecida e abençoada, agora vamos louvar

E A E B E

E a barquinha viajou e peneirou no meio do mar

E A E B E

E a vaquinha viajou e peneirou no meio do mar

E A E B E

E nossa senhora vai dentro e os anjinhos ajudou remar

E A E B E

E nossa senhora vai dentro e os anjinhos ajudaram remar

E A E B E

O rema, rema meus anjinhos, até no rio de Jordão

E A E B E

O rema, rema meus anjinhos, até no rio de Jordão

E A E B E

E quando Deus foi batizado, o padrinho foi São João

E A E B E

E quando Deus foi batizado, o padrinho foi São João

E A E B E

E La do céu desceu três velas, todas elas desceram acesas

E A E B E

E La do céu desceu três velas, todas elas desceram acesas

E A E B E

E com ela desceu três anjos, agradecendo a vossa mesa

E A E B E

E com ela desceu três anjos, agradecendo a vossa mesa

E A E B E

E Nossa Senhora pedia e da semente seja franca

E A E B E

E Nossa Senhora pedia e da semente seja franca

E A E B E

E essa casa seja farta e essa mesa seja franca

E A E B E

E essa casa seja farta e essa mesa seja franca

E A E B E

E ela tornou a pedir e três dias de oração

E A E B E

E ela tornou a pedir e três dias de oração

E A E B E

E quarta e quinta da maior e sexta feira da paixão

E A E B E

E quarta e quinta da maior e sexta- feira da paixão

E A E B E

E sexta- feira da paixão, a mãe eterna rezou na cruz

E A E B E

E sexta- feira da paixão, a mãe eterna rezou na cruz

E A E B E

Oração de Nossa Senhora, pelo sempre amém Jesus

E A E B E

Oração de Nossa Senhora, pelo sempre amém Jesus

E A E B E

E essa toalha e mesa foram feita em Belém

E A E B E

E essa toalha e mesa foram feita em Belém

E A E B E

E terminemos nosso bendito, nas horas de Deus amém

E A E B E

E terminemos nosso bendito, nas horas de Deus amém

E B E

- **Canto de Arremate(encerrar) a Folia**

Ao chegarem à casa do encerramento da folia (que é a mesma onde ocorre a saída), por volta das 19h00min os foliões se posicionam perto do cruzeiro, o posicionamento dos foliões se dá da seguinte forma: o Alfeu na frente, e os demais foliões em dupla, ali começam a fazer os rituais, beijando a bandeira, fazendo a venda, e assim iniciam o canto de entrega da folia.

Começam a fazer o canto distante alguns metros do cruzeiro e de acordo com os versos ditos, o Alfeu vai fazendo a venda e marchando em direção ao interior da casa. Ao adentrar completamente na casa, após de ter dito todos os versos de obrigatoriedade, o encarregado recebe a folia e já entrega para a pessoa que se disponibilizou a ser a encarregada do próximo ano.

Introdução: E A E A E B E

E A B A E

E alegrou a céu e terra, o mundo com a luz de deus

E A B A E

E pra o termino do giro e com o Santo verdadeiro

E A B A E

E nós primeiro amemos a Deus e que primeiro mandou a luz

E A B A E

E viva a mãe eterna e que ensinou o sinal da cruz

E A B A E

Quem ensinou o sinal da cruz e foi Deus nosso senhor

E A B A E

E pai filho espírito santo e mundo se circulou

E A B A E

E nessa hora foi chegando, a mãe eterna e mansinha

E A B A E

E vei falar do sacramento e na chegada da folia

E A B A E

Encima da terra sagrada e que formou a religião

E A B A E

Aonde foi posto um cruzeiro e com sacrifício e um tostão

E A B A E

E a folia vai chegando e já girou o seu mundo inteiro

E A B A E

E foi chegando os seus foliões e já ta no pé do cruzeiro

E A B A E

E Deus salve esse cruzeiro e planta Dinho nesse lugar

E A B A E

E que foi posto em louvor e para os foliões soldar

E A B A E

E Deus que benzo esse cruzeiro e fruto da religião

E **A** **B** **A** **E**
 Onde estar meu bom Jesus e cavadinho dos pés e as mãos
E **A** **B** **A** **E**
 E Deus salve e luz acesa e damos o nome de candeia
E **A** **B** **A** **E**
 Ela é uma glória Deus ela acende ela alumina
E **A** **B** **A** **E**
 E faz a venda meu Alfeu e faz a venda pra o cruzeiro
E **A** **B** **A** **E**
 E faça de um braço pra outro e dirigindo pra outeiro
E **A** **B** **A** **E**
 E faz a marcha meu Alfeu e com um passo atravessando
E **A** **B** **A** **E**
 E já soldemos esse cruzeiro e por ele nós vamos passando
E **A** **B** **A** **E**
 O esse cruzeiro e arco e saudamos com referência
E **A** **B** **A** **E**
 E para nós poder cantar o primeiro pede licença
E **A** **B** **A** **E**
 Meu companheiro contra guia e veja o que o arco tem
E **A** **B** **A** **E**
 E tem uma boa mensagem de Deus e vossa família também
E **A** **B** **A** **E**
 E faça a marca meu Alfeu e muda o passo para frente
E **A** **B** **A** **E**
 E acompanha todo povo é Santo isso é sacramento
E **A** **B** **A** **E**
 E aqui mesmo nesta hora eu fiz uma separação
E **A** **B** **A** **E**
 E já soldemos o rico arco e vamos soldar o cordão
E **A** **B** **A** **E**
 E cordão de são Francisco e quantos mistério ele tem

E **A** **B** **A** **E**
 E ele tem quinze mistérios e de Jesus Maria além

E **A** **B** **A** **E**
 E tanto o cravo e como a rosa e no cordão de são Francisco

E **A** **B** **A** **E**
 E essas são graça de Deus e mistério de Jesus Cristo

E **A** **B** **A** **E**
 E o cordão de São Francisco e nesse arco mesmo estar

E **A** **B** **A** **E**
 E ele entrou por casa adentro e colocou La no altar

E **A** **B** **A** **E**
 E faça a marcha meu Alfeu e chega à porta e parou

E **A** **B** **A** **E**
 E pra fazer uma delicadeza e pra o destino e morador

E **A** **B** **A** **E**
 E abre a porta meu Jesus e que nela eu quero entrar

E **A** **B** **A** **E**
 Eu quero ver quem é Jesus e no retrato no altar

E **A** **B** **A** **E**
 E são Pedro abriu a porta e Jesus Cristo mandou fechar

E **A** **B** **A** **E**
 E naquela hora silencia para os inimigos não entrar

E **A** **B** **A** **E**
 E faz a marcha meu Alfeu e entra pela porta adentro

E **A** **B** **A** **E**
 E já soldemos aqui de fora e vamos soldar La de dentro

E **A** **B** **A** **E**
 E Deus salve casa Santa e o santo que nela mora

E **A** **B** **A** **E**
 E nela mora muito anos e virgem nossa senhora

E **A** **B** **A** **E**
 E Deus salve o rico altar e nos anos de consciência

E **A** **B** **A** **E**
 E nós queremos salvar e Jesus sacramento

E **A** **B** **A** **E**
 O Deus salve o rico altar e imagens que estar nele

E **A** **B** **A** **E**
 Eu vou soldar o Céu das esmolas e restante que estar nele

E **A** **B** **A** **E**
 E Deus salve o rico altar e todo cheio de flor

E **A** **B** **A** **E**
 E tem a flor de amarela e tem flor de toda cor

E **A** **B** **A** **E**
 E tanto o cravo e quanto a rosa e puseram aqui no chão

E **A** **B** **A** **E**
 E foi posto com louvo e Alfeu com foliões

E **A** **B** **A** **E**
 E aqui mesmo nesta hora e já expôs minhas palavras

E **A** **B** **A** **E**
 E já soldemos o terno todo e vamos soldar o encarregado

E **A** **B** **A** **E**
 E salve Deus encarregado e apareça na presença

E **A** **B** **A** **E**
 Vem receber sua folia e com sua rica consciência

E **A** **B** **A** **E**
 E salve Deus encarregado e na presença que aqui estar

E **A** **B** **A** **E**
 Vem receber sua folia e acabou de girar

E **A** **B** **A** **E**
 E salve Deus encarregado e na chegada de um girão

E **A** **B** **A** **E**
 Vem receber sua folia e despachar seus foliões

E **A** **B** **A** **E**
 E agora que eu vou falar o verso que eu falei primeiro

E **A** **B** **A** **E**
 Eu vou soldar aqui no canto o violão caixa e padeiro

E **A** **B** **A** **E**
 E salve Deus o meu caixeiro esse instrumento e de palmilha

E **A** **B** **A** **E**
 Vou entregar essa folia e com uma fita mais bonita

E **A** **B** **A** **E**
 E esses outros foliões o seu instrumento e de chocalho

E **A** **B** **A** **E**
 Vou entregar essa folia e descansar desse trabalho

E **A** **B** **A** **E**
 E o meu guia de viola o seu instrumento e de marfim

E **A** **B** **A** **E**
 Vamos entregar essa folia e com a coroa do divino

E **A** **B** **A** **E**
 E ela já chegou do gira, ela é um mistério tão fino

E **A** **B** **A** **E**
 E ela já chegou do giro e agora estar se despedindo

E **A** **B** **A** **E**
 Ela estar se despendido, depois de nós viajarmos

E **A** **B** **A** **E**
 No próximo ano no mesmo tempo, ela vem nós visitar

E **A** **B** **A** **E**
 E despedida – despedida e despedida de são José

E **A** **B** **A** **E**
 E despedida do povo todo até o próximo ano se Deus quiser

E **A** **B** **A** **E**
 E despedida - despedida e despedida de são Francisco

E **A** **B** **A** **E**
 E que esses senhores e senhora esteja na paz de Cristo

E **A** **B** **A** **E**
 E despedida - despedida e despedida rigorosa

E **A** **B** **A** **E**
 E que mandou o rei da glória e canto o rei da hora

E **A** **B** **A** **E**
 E clareou seu mundo em roda e respondeu neste momento

E **A** **B** **A** **E**
 E La na frente da bandeira e joelha toda gente

E **A** **B** **A** **E**
 E Deus que cobre com a bandeira o da virgem nossa senhora

E **A** **B** **A** **E**
 Ela é a mãe do redentor o soberano o rei da glória

E **A** **B** **A** **E**
 E cresce – cresce laranjeira e fica verde põe botão

E **A** **B** **A** **E**
 E La na glória canta os anjos e na terra nós foliões

E **A** **B** **A** **E**
 E cresce – cresce laranjeira e fica verde e põe a flor

E **A** **B** **A** **E**
 Aonde o passarinho canta e aleluia é do senhor

E **A** **B** **A** **E**
 E despedida – despedida e despedida da sua sorte

E **A** **B** **A** **E**
 E os anjinhos do céu sabem certo e a hora de sua morte

E **A** **B** **A** **E**
 E aqui mesmo quanto senhor e cada qual em seu lugar

E **A** **B** **A** **E**
 E pegar o mastro da bandeira e pra nosso Alfeu beijar

E **A** **B** **A** **E**
 E beija – beija meu Alfeu e com toda vocação

E **A** **B** **A** **E**
 E joelha bem joelhado e na nossa mãe de paixão

E **A** **B** **A** **E**
 E meu bom mestre meu Alfeu e pega o mastro da bandeira

E A B A E
 E todo povo já beijou e foliões por derradeiro
E A B A E
 E virgem nossa senhora e como boa ocasião
E A B A E
 E algum erro que houve e de joelho peço perdão
E A B A E
 O virgem nossa senhora e queremos ser perdoado
E A B A E
 O eu quero que vós perdoeis com rica majestade
E A B A E
 O eu peço perdão de boca e muito mais de coração
E A B A E
 E queremos ser perdoado por essa rica invocação
E A B A E
 O eu peço perdão a todo o entre grande e pequeninho
E A B A E
 E eu quero ser perdoado o pela dona do divino
E A B A E
 E despedida de aurora e aurora pegou chorar
E A B A E
 E quando menino Jesus nasceu e aurora foi visitar
E A B A E
 E três pombinhas a voou e foi correr para o seu sertão
E A B A E
 E pega o mastro da bandeira e despachar nós foliões
E A B A E
 E ela tornou a voar e fazendo a primeira volta
E A B A E
 E pega o mastro da bandeira e viva nosso encarregado
E A B A E
 E ela tornou a voar e pegou no braço da coroar

E A B A E

E foi voando foi dizendo e viva Maria Jesus.

- **Rodas e Sussa**

Os cantos a seguir são usados com frequência durante o período do giro da divindade e são apresentados em todas as casas que aceitam receber a mesma. Após o canto de recolher esmola, cada membro do grupo com seus instrumentos em mãos enfileirados em dupla iniciam a apresentação pela primeira dupla e vão dando seqüência até passar por todos. Esse momento é usado com dois propósitos: o primeiro como forma de pagamento das despesas gastas pelo proprietário da casa, a quantidade das músicas cantadas é de acordo com a fatura presente na mesa. O segundo propósito como forma de diversão do grupo de foliões e das pessoas que acompanham a divindade. São músicas tocadas com os mesmos instrumentos utilizados na folia, violão/viola, caixa e pandeiro, porém, com mais com ritmo e danças diferentes.

Essas músicas, além dos propósitos citados anteriormente, também são consideradas como uma de manifestação e grito para salvaguarda, valores e resistência da identidade cultural presente na comunidade.

1. Introdução: **E B E B A E B E**

B

É isso que o povo fala

Que eu vivo nessa mania

Quando vejo a caixa tocar

Meu pensamento é folia

B

Mais se nós não girarmos

E

A folia vai Ca bar

B

E

E morreu nossa alegria.

A E

Mas os crentes andam falando

B E

Da nossa agonia

A E

Levar todos pra igreja

B E

Credo cruz ave Maria.

E

Eles bíblia e chama Deus

B

A gente olha e ninguém via.

(2x)

Autor: desconhecido

2. Introdução: E A E A B E

A

Seu marido é ruim mulher

E

Quem é bom sou eu

E A

Larga seu marido mulher

E

Vem morar mais eu

B

Ele é um grande pão duro

Ele é muito preguiçoso

E

Tira onda de bonitão

A **E**

Mas quem é gostoso sou eu

B

E quando chama pra ir na loja

E

Ele começa expressar

B

Ta com dor de cabeça

E

Ele não quer é gastar

B

E ele é um grande pão duro

É por que não gosta de trabalhar...

E **A**

Seu marido é ruim mulher

E

Quem é bom sou eu

E **A**

Larga seu marido mulher

E

Vem morar mais eu

B

Ele é um grande pão duro

Ele é muito preguiçoso

E

Tira onda de bonitão

A **E**

Mas quem é gostoso sou eu

B

E quando chama pra ir à loja

E

Ele começa expressar

B

Ta com dor de cabeça

E

Ele não quer é gastar

(2x)

Autor: Desconhecido

3. Introdução: E B E B**E B**

Chove chuva hoje

E

Pra meu boi bebe

B

Pra nascer capim, morena

E

Pra meu boi comer

B E

Boi-boi, boi de sinhá

B E

Boi-boi, boi de sinhá.

(4x)

Autor: Desconhecido

4. Introdução: E B E B E**E B**

A formiga que dói é a jiquitaia

A **E**
Ela coça, ela morde debaixo da saia

E **B**
A formiga que dói é a jiquitaia

A **E**
Ela morde no pé e debaixo da saia.

(4x)

Autor: Desconhecido

Todos os cantos descritos acima foram feitos a partir de relatos dos colaboradores da pesquisa, as cifras acrescentadas as letras das músicas foram adicionadas pelo pesquisador que é estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins. É importante ressaltar que todos os conhecimentos relacionados a música pelos foliões são conhecimentos empíricos, passados de geração em geração, tanto na afinação e toque dos instrumentos até a transmissão das letras dos cantos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa aqui apresentada conclui-se que se torna essencialmente relevante para percebermos que a oralidade é uma ferramenta fundamental na perpetuação da cultura de muitos povos, em especial tradição do povo Kalunga, pois, há muitos séculos os registros da trajetória histórica desse povo foram feitos apenas por meio da oralidade, tendo o registro escrito há pouco tempo. Através de suas narrativas de memória individual e coletiva o povo Kalunga repassa e mantém vivo suas práticas e representações culturais, explicitando sempre sua origem e identidade, enquanto descendentes de povos que resistiram á escravidão. Atualmente na comunidade ainda se vivencia diversas práticas sociais que envolvem somente o uso da linguagem oral como forma de se ensinar as práticas culturais locais.

Ao se realizar a pesquisa compreende-se pelo pensamento de alguns teóricos apresentados a importância da memória em reforçar e manter viva a cultura de um povo que viveu em um mundo sem escrita. Através dos resultados da pesquisa observou-se que os rituais culturais mencionados no trabalho tiveram seu início e foram perpetuados por pessoas mais velhas da comunidade pesquisada, e que mesmo não tendo conhecimento no mundo da escrita fez uso da memória para que as próximas gerações tivessem acesso a esses legados tão importante para todos da comunidade e de comunidades próximas, para eles, esse patrimônio imaterial deveria ser preservado e praticado o tempo todo, pois agrega muitos valores tanto culturais como espirituais.

Também foi possível observar durante a realização da pesquisa o desinteresse por parte das novas gerações em dar continuidade aos legados culturais da comunidade, possivelmente daqui algum tempo os rituais como a Folia de Nossa Senhora do Rosário poderão ser esquecidos, pois são poucas as práticas e interesse dos jovens em participar dessas manifestações, visto que com a chegada da modernidade alguns valores culturais são deixados de lado para aderir aos novos conceitos de diversão sendo que essas práticas culturais além de manifestação de religiosidade e fé eram tidas também como uma forma de diversão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vinicius Gomes de. **SÍTIO HISTÓRICO KALUNGA (GO):** Relevo E Sua Relação com o uso e a Ocupação das Terras. XI CONLAB – Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, UFBA. Salvador: 2011. Disponível em: <https://odonto.ufg.br> > vinicius_territorio. Acesso em: junho de 2019.

AMORIM, Felipe. **Menos de 10% das comunidades quilombolas têm propriedade legalizada.** 2012. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/11/20/menos-de-10-das-comunidades-quilombolas-tem-propriedade-sobre-terra-legalizada.htm>. Acesso em: agosto de 2019.

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. **Quilombo.** História do Brasil. 2013. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/quilombo/>. Acesso em: agosto de 2019.

ANJOS, R.S.A.; CYPRIANO, A. **Quilombolas:** tradições e culturas da resistência. São Paulo: Aori Comunicação, 2006. 240 p.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda. **História, memória e esquecimento:** Implicações políticas. Revista Crítica de Ciências Sociais, 79, Dezembro 2007.

BAIOCCHI, Mari de Nasaré. **Kalunga:** povo da terra. Goiânia: UFG, 2006. 132 p.

COMISSÃO Pró-Índio. **Terras Quilombolas – tituladas e em processo no Incra.** 2016. Disponível em: [http://cpisp.org.br/publicacao/mapa-terras-quilombolas-tituladas-e-em-processo-no-incra-2016/#iLightbox\[gallery9724\]/null](http://cpisp.org.br/publicacao/mapa-terras-quilombolas-tituladas-e-em-processo-no-incra-2016/#iLightbox[gallery9724]/null). Acesso em: julho de 2019.

BARBOSA, Francisco Maciel. **Cerradania:** alumeia e óia pros encantamentos dos cerratenses. Brasília: 2017. 180 p. Disponível em: ["https://books.google.com.br/books?id=r8N5DwAAQBAJ&pg=PA53&lpg=PA53&dq="&HYPERLINK](https://books.google.com.br/books?id=r8N5DwAAQBAJ&pg=PA53&lpg=PA53&dq=). Acesso em: agosto de 2019.

CONAQ, Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. **Quilombo? Quem Somos Nós!** Resiliência Quilombola. Disponível em: <http://conaq.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 24 de Agosto de 2019.

CHARTIER, Roger. Representações Coletivas e Identidades Sociais, in; **O Mundo como Representação**. Estudos avançados. 1991, p.182 a 184.

_____. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 179-192.

DEZAN, Thiago; GONÇALVES, Juliana. **Em pleno século XXI, quilombolas ainda têm que lutar por direitos básicos**. The Intercept_. 2017. Disponível em: <https://theintercept.com/2017/05/12/em-pleno-seculo-xxi-quilombolas-ainda-tem-que-lutar-por-direitos-basicos/>. Acesso em: julho de 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da HISTÓRIA ORAL**. Editora FGV, 8º edição. Rio de Janeiro-RJ: 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Editora Revista dos Tribunais LTDA, São Paulo, SP: 1968, p. 13 a 33.

HALL, Stuart. Identidade em questão. In: **A identidade cultural na pós - modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP e A, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e memória**. Campinas, SP: 1990. Editora da UNICAMP. p. 366 a 372. (Coleção Repertórios).

LIMA, Luana Nunes Martins de; ALMEIDA, Maria Geralda de. Identidade Territorial Kalunga. **A cultura e a relação com o cerrado como possibilidade para o desenvolvimento do turismo sustentável nas comunidades quilombolas de Teresina de Goiás**. II Congresso de Histórias da UFG, Jataí História e mídia. 26ª30 de setembro de 2011, 01 a 03 p.

NEIVA, A. C. Gomes Rodrigues; et al. **Caracterização Socioeconômica e Cultural da Comunidade Quilombola Kalunga de Cavalcante, Goiás, Brasil: Dados Preliminares**. IX simpósio Nacional do Cerrado. Brasília-DF: Palarmundi, 2008. 8 p.

PALMARES, Fundação Cultural. **Quilombos ainda existem no Brasil**. 2008. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=3041#targetText=Levantamento%20da%20Funda%C3%A7>

[%C3%A3o%20Cultural%20Palmares.pode%20chegar%20a%20cinco%20mil](#). Acesso em: junho de 2019.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Stuart Hall e o trabalho das representações**. Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação. Edição 1 – São Paulo: Setembro/Novembro de 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br> > anagrama > article > download. Acesso em: Maio de 2019.

SILVA, Giselda Shirley da; SILVA, Vandeir José da. **Quilombos Brasileiros: Alguns Aspectos da Trajetória do Negro no Brasil**. Revista Mosaico, v. 7, n. 2, p. 191-200, jul./dez. 2014.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. Editora Contexto – São Paulo; 2006.

TAKARASHI, Fátima Gonçalves Messias; ALVES, Paulo Vicente. **Imagens representacionais das políticas públicas à educação e à saúde, no imaginário de um grupo de idosos da comunidade Quilombola–Kalunga, de Monte Alegre de Goiás**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, vol.23 no.88 Rio de Janeiro: 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362015000300567. Acesso em: junho de 2019.

TRECCANI, Girolamo Domenico. **Terras de Quilombo: Caminhos e Entraves do Processo de Titulação**. Belém: Secretaria Executiva de Justiça. Programa Raízes, 2006, 354 p. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/Girolamo.pdf>. Acesso em: agosto de 2019.